

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

AMÉRICA EM PRETO E BRANCO

Torcedores do Botafogo recebem no Aeroporto do Galeão os heróis da conquista inédita da Libertadores, tomam conta de ruas e avenidas da Zona do Sul do Rio de Janeiro e celebram o maior capítulo da história centenária do clube

Alegria sem fim

O Rio de Janeiro viveu um domingo de carnaval no primeiro dia de dezembro. Motivo: a festa botafoguense na Cidade Maravilhosa no dia após a conquista do primeiro título do clube na Libertadores. Desde as primeiras horas, o preto e o branco pintavam as praias da cidade, sobretudo a de Botafogo. Nem o Aeroporto Internacional Tom Jobim, o Galeão, escapou da avalanche alvinegra.

A delegação campeã continental aterrissou no Brasil às 16h13. Na chegada, o dono da Sociedade Anônima do Futebol (SAF) botafoguense, John Texor, abriu a janela da cabine de comando da aeronave e exibiu a bandeira alvinegra. O magnata estadunidense repetiu o gesto do ídolo Túlio Maravilha no desembarque do time no Santos Dumont, após o bicampeonato brasileiro em 1995.

Aproximadamente, 300 torcedores se aventuraram no aeroporto para celebrar os heróis da conquista no Monumental de Núñez, em Buenos Aires. Do terminal, o ônibus partiu para a Praia de Botafogo para a festa oficial, seguido por grupo de torcedores em motos. Também havia aglomeração em General Severiano, sede do clube.

Entre os torcedores que não conseguiram conter a emoção, estava Fábio, morador de Bonsucesso, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Aos 43 anos, ele contou com entusiasmo sobre a espera por esse momento único. “Eu estava esperando este momento há muitos anos, porque eu sou botafoguense desde pequeno. Sou do tempo do Botafogo que caiu três vezes, nunca desisti do meu time, porque o Botafogo é a minha vida. Os meus filhos todos são botafoguenses. Eu não vou deixar o Botafogo nunca. Hoje eu estou colhendo”, disse.

Na chegada à Praia de Botafogo, torcedores invadiram as avenidas para tocar e “conduzir” o ônibus. Houve quem extrapolasse e tentasse subir no veículo. A

Mauro Pimentel/AFP



O dia em que os alvinegros tomaram conta da Praia de Botafogo para celebrar com os jogadores a tão aguardada conquista da Copa Libertadores

“Eu estava esperando há muitos anos, porque eu sou botafoguense desde pequeno. Sou do tempo do Botafogo que caiu três vezes, nunca desisti, porque o Botafogo é a minha vida”

Fábio,
torcedor botafoguense

Polícia interveio rapidamente para controlar esse tipo de situação. Quando chegou ao local da festa, a delegação subiu em um carro aberto do Corpo de Bombeiros para curtir com os alvinegros. Um esquema de segurança foi elaborado pela Prefeitura do Rio para evitar incidentes, afinal, simultaneamente, torcedores do Flamengo deixavam o Maracanã após a vitória sobre o Internacional.

A conquista da Libertadores do Botafogo foi marcada pela superação, já que o time jogou boa parte da partida com um jogador a menos. A expulsão de Gregore, no início do jogo, não abalou o espírito do Glorioso, que foi firme na defesa e eficaz no ataque.

Com gols de Luiz Henrique, Alex Telles (de pênalti) e Júnior Santos, o Botafogo conquistou o título e a vitória, ainda garante uma vaga na Copa Intercontinental de 2024. Em 11 de dezembro, três dias depois do fim do Brasileiro, o clube enfrentará o Pachuca em Doha, no Catar. Se bater os mexicanos, o Glorioso avança para a semifinal contra o Al Ahly, do Egito, no dia 14. Campeão da Champions League, o Real Madrid é o único garantido na decisão do torneio.

O Botafogo foi o último a confirmar presença no Mundial de Clubes de 2025, disputado por 32 clubes. O Brasil também terá Flamengo, Fluminense e Palmeiras.

“Esse é o Botafogo que eu gosto/ Esse é o Botafogo que eu conheço/ Tanto tempo esperando esse momento, meu Deus/ Deixa eu festejar que eu mereço”

Beth Carvalho, em *Esse é O Botafogo Que Eu Gosto*

Mauro Pimentel/AFP



Valia tudo para ver os campeões, até fazer da árvore camarote

Arthur Barreto/Botafogo



Não faltavam bandeiras do Botafogo espalhadas pelo Rio

Instagram/Reprodução



John Texor repete o gesto de Túlio Maravilha em 1995

Artigo



Por **Fábio Grecchi**
fabiogrecchi.df@cbnet.com.br

Um alvinegro me persegue

Não sou botafoguense, mas minhas raízes estão bem perto. Passo a dizer o motivo. Meu pai, único carioca de uma família de italianos, nasceu e foi criado na rua Bartolomeu Portela, próxima de General Severiano. É um beco longo à direita de quem vem da Laur Müller, na direção do Aterro do Flamengo e do centro do Rio. Quem pega à direita, segue para a Urca (rumo ao Instituto Benjamin Constant, da sede das Humanas da UFRJ), da Escola Superior de Guerra e do Instituto Militar de Engenharia (IME). À esquerda, Bateau Mouche, a piscina do Botafogo, a churrascaria Estrela Solitária e a pista de fora do Aterro, que termina no Santos Dumont.

O velho tornou-se Flamengo por razões pouco claras, mas, naquela esquina rumo ao Centro, foi proprietário, com o amigo de infância Orlando, da Venezuela Auto Sport, onde vi minha pri-

meira Alfa Romeo Giulietta conversível e o carro que marcou a minha infância — um Fiat Sport 124 azul marinho com interior de couro marrom que ele teve. Segundo meu pai, Jairzinho não tinha vaga no Guaíba, da Praia da Urca, onde jogava com o irmão mais velho do Furacão da Copa contra ninguém menos que o ex-ministro da Previdência Raphael de Almeida Magalhães, craque do Copa-Leme.

Ainda segundo meu pai, Jairzinho e Paulo Cezar Caju, que eram do já inexistente Morro do Pasmado, ao voltarem da Copa do Mundo de 1970, compraram apartamento para as famílias ali nas redondezas. Compraram, também, um Chevrolet Camaro para cada um — um terceiro foi comprado pelo Brito, na agência do meu pai e do Orlando.

Falei demais do meu pai. Passo a falar de mim. No título de

1989, estava eu, no Maracanã, na megacobertura elaborada pelo *O Globo*. Vi o gol do Maurício e vibrei como se botafoguense fosse — sou flamenguista, tal como meu pai. Convivi por meses com uma comissão técnica formada por Valdir Espinosa (seu filho, Rivelino, era apenas um jovem curioso), Búfalo Gil (orgulhoso morador de Maricá), Lídio Toledo, Carlos Alberto Lancetta (pintor amador e com o qual trocávamos ideias sobre os impressionistas franceses [juro!]) — ele um amante de Monet; eu de Degas, “Seu” Emil Pinheiro (um dos banqueiros de bicho mais poderosos do Rio, dono do iate Príncipe Eugênio, que batizou em homenagem ao filho que perdera).

Nas quatro linhas (desculpem, mas detesto esta expressão e uso-a apenas para definir o espaço do gramado), Paulinho Criciúma, Maurício, Carlos

Alberto, Mauro Galvão, Wilson Gottardo, Ricardo Cruz, Josimar — em suma, não há suma, como diziam, Helio e Millôr Fernandes, mas, sim, um belo time.

Acompanhei Beth Carvalho, em um estúdio na Barra da Tijuca, gravar a música “Esse é o Botafogo que eu gosto”, num dia de semana, já com o time tendo quebrado o jejum de 21 anos sem título. Fizeram um coro com torcedores “caixa alta” do Botafogo, mas, a todo momento, o advogado Mothel Santoro gritava: “É campeão!”. Beth ficou irritada e pediram para que Mothel se contivesse, mas ele ignorou. O produtor disse: “Deixa, se for o caso, a gente corta depois”. E assim ficou na gravação original. A letra, aliás, é de um sambista (cujo nome não sei, admito) que ia a todos os treinos mostrá-la, na esperança de que fosse gravada (e foi). Não era o titular da cobertura do Botafogo pelo *O Globo*. Pertencia a Mario Jorge Guimarães. Mas, por generosidade, assinamos juntos — “Você carregou esse piano”,

disse-me ele. Lembro-me da primeira frase da “nossa” matéria no dia seguinte ao título “Rua Xavier Curado 1.705. Esse é o endereço da alegria”. Mario Jorge, diga-se, era tricolor fanático, embora à época morador em Botafogo, na Rua Dona Mariana, pertinho da sede de Furnas.

A letra do Mott The Hopples, banda inglesa que não é lá das minhas preferências, diz que “all the way goes do Memphis”. No meu caso, “all the way goes do Botafogo” — onde trabalhei no começo da minha carreira (123 da Rua da Passagem, onde ficava a sede da revista Placar, em 1988) e onde vivi parte da minha infância, na casa da minha avó paterna. E onde fica o Edifício Bossi, da família do querido Gustavo Lago, irmão do jornalista Rudolfo Lago. Mas essa é outra história. Homenageio meu primo Ricardo e meu sobrinho Lucas. Um, botafoguense testemunha de, entre outros, glórias brasileiras como Didi, Garrincha, Zagallo, Amarildo, Jairzinho, Roberto Miranda,

Gérson, Ney Conceição, Mário Sérgio e outros grandes nomes da bola. Outro, porque o fruto não cai longe da árvore.

Homenageio, ainda, meu Padrinho (faço questão da letra maiúscula) Roberto Porto, que me legou uma biografia sobre Didi (meu pai neste dia foi à noite de autógrafos, na Casa de Rui Barbosa, em... Botafogo!) e grandes livros sobre a II Guerra Mundial. Querido, saudoso e admirado amigo. Esteja bem ao lado do Dr. Nelson Porto, seu pai, rubro-negro e comunista de quatro costados. Homenageio, ainda, Jean-Marc Roditi, padrinho do meu pai e torcedor de um obscuro Racing Besançon. Converto-me ao “botafoguismo” ainda na década de 1960, pouco menos de duas décadas depois de chegar ao Brasil fugido do nazismo. Para finalizar: meu primeiro prêmio de jornalismo foi sobre a recuperação arquitetônica da sede de General Severiano, de estilo neocolonial. E o retorno à antiga sede. Publicado na falecida Tribuna da Imprensa, em 1987.